

## Frei Caneca: matriz do jornalismo brasileiro<sup>1</sup>.

Tatiane E. M. de CARVALHO<sup>2</sup>

Faculdade Canção Nova

**Resumo:** Analisar a retórica construída por Frei Caneca e reconstruir seu pensamento comunicacional, argumentando que a atividade desenvolvida na imprensa o credencia como matriz do jornalismo brasileiro, constituem os objetivos desta pesquisa. Trata-se de estudo exploratório, apoiado em fontes bibliográficas e documentais, com a intenção de compreender o contexto histórico da retórica e do jornalismo brasileiro na época. Para caracterizar o jornalismo praticado por Frei Caneca foi aplicado o método misto – quantitativo e qualitativo – da análise de conteúdo. Os resultados indicaram que Frei Caneca, por meio da retórica, iniciou a produção de um jornalismo argumentativo estruturado, pois seus textos tinham base teórica.

**Palavras – chave:** Jornalismo; História; Teoria; Gêneros; Retórica.

### Introdução

A presente pesquisa originou-se através dos estudos do professor José Marques de Melo ao descrever Frei Caneca como precursor da teoria da comunicação brasileira, sua hipótese era baseada no fato do carmelita ter se dedicado aos estudos retóricos, produzindo textos didáticos, discursando em praças públicas e ter redigido o jornal *Typhis Pernambucano* com o objetivo de persuadir e convencer a população da época sobre suas ideias e pensamento. Esta pesquisada foi publicada em seu livro *História do Pensamento Comunicacional: cenário e personagens* (2003), e no anuário da Cátedra UNESCO Metodista de Comunicação *Matrizes Comunicacionais Latino – Americano* (2002).

Passado alguns anos, o professor refaz suas reflexões e apresenta outra hipótese sobre o personagem: a de que ele faz parte do jornalismo “embrionário” da nossa história, ou seja, o religioso também contribuiu para o surgimento da imprensa no Brasil. Marques de Melo descreve o pensamento do frade como “encarcerado” (2009, p.08).

Com propósito de dar continuidade aos estudos do professor Marques de Melo, o principal objetivo desta pesquisa é reconstruir o pensamento comunicacional de Frei Caneca, apoiando-se em suas publicações, averiguando o sentido das suas expressões e

---

<sup>1</sup>□ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup>□ Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Graduada em Comunicação Social, habilitada em Jornalismo pela Fatea – Faculdades Integradas Teresa D’Ávila. Professora da Faculdade Canção Nova nos cursos de Jornalismo e Rádio e TV. E-mail: [tatieulalia@yahoo.com.br](mailto:tatieulalia@yahoo.com.br)

conceitos jornalísticos, a fim de conhecer as circunstâncias históricas e ambientais de seu pensamento.

Por que pesquisar o pensamento comunicacional de Frei Caneca? Frei Joaquim do Amor Divino Rabelo Caneca foi um personagem de destaque da História do Brasil, devido sua participação política, religiosa, educativa e comunicacional no contexto sócio – cultural de sua época.

No campo da comunicação, foco da investigação, o personagem atuou através da ciência da retórica, se baseando em Fábio Quintiliano e Aristóteles. Escreveu textos didáticos sobre o ensino da retórica e eloquência, gramática da Língua Portuguesa, oração, política, direitos dos cidadãos e etc. Criou o jornal *Typhis Pernambucano*, que funcionou entre os anos de 1823 e 1824, período durante o qual ganhou a confiança e o respeito da população ao relatar os acontecimentos da época e críticas ao Governo, contribuindo para construção do jornalismo. E ainda, realizou discursos em praças públicas.

Seu pensamento comunicacional pode ser encontrado em cinco textos: *Breve Compreendido de Grammatica Portuguesa, Tratado de Eloquência, Taboas Synopticas do Systema Rhetorico de Fabio Quitiliano, Dissertação e Oração* e também no jornal *Typhis Pernambucano*. Estas obras podem ser localizadas no livro *Obras Políticas e Literárias de Frei Joaquim do Amor Divino Caneca*, publicado no ano de 1917, por Antonio Joaquim de Melo.

Por esta trajetória do carmelita, que instigou o professor José Marques de Melo a pesquisar sobre sua vida e obra, que buscamos dar continuidade à investigação, averiguando nova hipótese e vertentes do jornalismo produzido por Frei Caneca.

Com esta pesquisa pretende-se contribuir para a construção da História da Imprensa do Brasil, revisando os fatos que descreveram a época em que o jornalismo começou a ter voz no país, pois Dom Pedro I havia acabado de outorgar a Liberdade de Imprensa e Frei Caneca fez dessa outorgada sua maior força para escrever os primeiros manifestos. Também pretende-se contribuir para novas discussões aos estudos de Teoria do Jornalismo, acrescentando informações e revendo conceitos já aplicados.

### **Frei Caneca**

Joaquim do Amor Divino Rabelo era o nome inicial de Frei Caneca, filho de Domingos da Silva Rabelo e Francisca Alexandrina de Siqueira. A data de seu nascimento foi reconhecida somente pelos documentos do seu inquérito militar: Recife, 1779. Naquela

época o documento equivalente à certidão de nascimento era o do batismo e os registros de Frei Caneca nunca foram encontrados, nem por pesquisadores.

Sua biografia começa a ser notória quando entra para o seminário dos carmelitas, a partir daí transformou-se em uma figura de referência para os estudos da história do Brasil entre os anos de 1817 e 1824, principalmente em Pernambuco devido sua atuação política na Revolução de 1817 e na Confederação do Equador, em 1824.

Ao se ordenar como frade carmelita, em 1801, aos 22 anos, mudou seu nome para Joaquim do Amor Divino Rabelo Caneca, em homenagem ao seu pai. E em 1803 foi nomeado professor de retórica, filosofia e geometria aplicando sua vocação para o ensino.

Naquela época o iluminismo filosófico, o enciclopedismo da Europa, o naturalismo rousseaiano, o igualitarismo e liberalismo da Revolução Francesa, como também o constitucionalismo derivado das leis de Montesquieu, e o modelo de Independência dos Estados Unidos, fez com que consolidassem novas ideias e doutrinas no Brasil. Com Frei Caneca não foi diferente, ao iniciar seus estudos no Seminário de Olinda, foi inflamado pelas ideias liberais, que contribuíram para o seu pensamento libertador.

Na época, as atividades de letras estavam concentradas, em grande parte, nas mãos da Igreja que comportava-se como uma entidade de formação de intelectuais. Porém, a origem deste ensino teve fiscalização e repressão por infiltrar-se nas ideias da Revolução Francesa (com a inquisição e a censura prévia). E o Seminário de Olinda foi um dos principais centros de educação de novas ideias políticas e culturais da Igreja durante o Brasil colonial e Frei Caneca foi parte integrante dessa educação.

A pesquisadora Mariana Ribeiro (2005) diz que a cultura do religioso era vasta e notória, compunha-se de aspectos do liberalismo clássico, principalmente com ideias de liberdade e igualdade, a um liberalismo mais racional, com pensamento soberano, autoritário, ordem e obediência. Era defensor do equilíbrio dos poderes, sobretudo do fortalecimento da civilização através da educação, do esclarecimento e da propagação do saber.

Exemplos destes pensamentos estão nas obras didáticas produzidas por Frei Caneca, que expressam todo seu espírito intelectual e político.

Caneca foi preso e acusado por ter participado de treinamentos de guerrilha, marchado junto com tropas de rebeldes em direção ao Norte, de ser amigo do padre João Ribeiro e de ter ligação direta com o movimento de 1817, ficou preso durante quatro anos, entre 1817 e 1821.

Em fevereiro de 1821 Frei Caneca é liberto da prisão, o religioso começava naquele momento um projeto de construção de uma sociedade com “novas ideias”. Passaria então a ser um personagem de destaque, atuando com a expressão da palavra, escrevendo ou discursando com conteúdo nítido para todos: buscava a liberdade moderna legitimando-as pelas antigas tradições.

Em 1824, acontece a Confederação do Equador obtendo a adesão do Ceará, do Rio Grande do Norte e da Paraíba. A figura de Frei Caneca é considerada como um símbolo da rebeldia. Nas grandes assembleias públicas suas palavras eram uma das mais ouvida e procurava resumir as convergências conflitantes no interior do movimento, sem perder a aparência revolucionária. Seu jornal, *Typhis Pernambucano*, era um dos principais fatores de animação e orientação referente à Confederação. Lido ansiosamente pelos rebeldes.

Frei Caneca estava à frente do exercito de latifundiários em Pernambuco, largou pra trás sua batina e vestiu um jaleco de guerrilha, para assim, assumir o espírito de guerra.

Por fim, no dia 29 de novembro, o major Lamenha, protegido por pesada artilharia a serviço do imperador, alcança os revolucionários da Confederação do Equador e Frei Caneca é preso novamente.

O dia 13 de janeiro de 1825 é a data final de sua trajetória. A população de Recife vai às ruas para ver o, então, espetáculo de terror, sendo executado em praça pública por carrascos do Imperador.

### **A retórica de Frei Caneca**

Frei Caneca foi influenciado pela disciplina da retórica e ela o ajudou a desenvolver discursos e textos.

Durante muitos séculos a linguagem era o principal meio de comunicação, através dela formaram-se expressões, conceitos e pensamentos, que alicerçaram concepções, construções políticas e jurídicas. Também por meio da linguagem, surgiram os primeiros publicistas, hoje conhecidos como jornalistas, que discursavam em praças públicas e ou criaram seus próprios panfletários.

A linguagem senhorial era empregada com muito realce pela sociedade conservadora, e a retórica estava amplamente ligada ao pensamento liberal, pensamento do carmelita, seus sermões, discursos, textos didáticos e o jornal *Typhis Pernambucano* são as referências para termos conhecimento de que seus trabalhos seguiam os critérios dos mestres da eloquência: Aristóteles, Cícero e Fábio Quintiliano.

O pensamento comunicacional de Frei Caneca foi produzido entre os anos de 1803 e 1824, quando elaborou e publicou seus textos, marcados pela forte atuação política, intelectual e jornalística, com grande influência do Iluminismo.

No entanto Caneca não escreveu nenhum livro sobre o jornalismo, até mesmo porque a existência dessa atividade em sua época era legitimada como publicismo. Seu pensamento comunicacional pode ser encontrado nos seguintes textos, além dos três a cima citados: *Dissertação e Oração* que foram publicados em 1979, no livro *Obras Políticas e Literárias de Frei Joaquim do Amor Divino Caneca*. Além disso, Caneca foi redator do jornal *Typhis Pernambucano* entre os anos de 1823 e 1824.

Suas ideias começaram a ser expostas ao iniciar os textos didáticos, os dois primeiros, já mencionados: *Tratado de Eloquência*, dividido em três partes – A 1ª *Systema de Eloquência*, no qual apresenta a estrutura retórica e as partes do discurso; 2ª *Preceitos eloqüentes com aplicações em prosa e verso*, descreve a maneira correta da elocução, a construção de textos e discurso. E a 3ª *Verasificação Portuguesa*, Frei Caneca preocupou-se em ensinar a gramática para a construção de um bom discurso.

Em *Taboas Synopticas do Systema Rhetorico de Fabio Quintiliano* o religioso definiu a retórica como poder de persuasão, sendo associada ao exercício do magistério e a pedagogia político cultural, visando o esclarecimento a humanidade. A retórica e a eloquência eram pontos-chave para a formação das elites no século XIX e, assim, é possível fazer a ligação entre a imprensa de opinião que surgia com força no Brasil dos anos 1820 e 1830 e as duas disciplinas ministradas pelo professor Frei Caneca (MOREL, 2000).

Ao escrever o *Tratado Eloquência*, Caneca relata como trabalhar com a arte de persuadir por meio da palavra e da escrita, define a eloquência como a “faculdade de significar com deleite os pensamentos por palavras para convencer e persuadir” (1972, p.79), e a retórica “é a arte, que dirige as disposições naturais do homem no uso da eloquência” (1972, p.79). Dividindo a eloquência em seis partes: Invenção: descobrir os pensamentos mais adequados para o qual o orador se propõe; Disposição: ordenar os pensamentos; Elocução: escolher bem as palavras e colocação para exprimir os pensamentos; Memória: conservar a disposição dos pensamentos para que possa apresentá-los aos ouvintes; Pronúnciação ou declaração: nada mais é que declarar seus pensamentos; Ação: o gostou – ação, que o orador deve empregar na publicação de seus pensamentos.

Neste texto, Caneca descreve como deve ser o trabalho com essa ciência, explica suas maneiras de exposição, os objetivos, os meios de uso do orador e os meios da eloquência. Divide o trabalho da eloquência em quatro partes: A 1ª é o discurso, que é parte

em que o orador dispõe o que lhe convém e o ouvinte escuta o que lhe é favorável. A 2ª é a narração, que o orador se dedica a informar os ouvintes. Esta narração também é dividida em três modos: por proposição, por participação e por narração. Ainda retrata que a narração conta com três virtudes: a clareza, brevidade e verossimilhança. A 3ª parte dos estudos do frei é de confirmação ou provas. O momento de convencer os ouvintes ilustrando o entendimento do assunto, sempre usando de argumentações com embasamentos. Por fim, a 4ª se refere à conclusão. “Depois de informar o ouvinte e convencer por provas lógicas, ele faz sua conclusão” (CANECA, 1979, p. 69). Dentro da conclusão o orador precisa fazer a recapitulação do que foi falado de maior importância. No epílogo, ele arrebatava o que se tratou na confirmação.

Niló Pereira (1975, p. 80) diz que Caneca, ao expor a retórica, utiliza de dois verbos que resumem todas suas ações revolucionárias: convencer e persuadir, pois são elas – as palavras - que o tornaram um polemista, panfletário, doutrinador, lógico, erudito, jornalista, filósofo, jurista e analista da realidade brasileira dividido em dois caminhos: o da Pátria e o da sabedoria.

O terceiro texto didático de Frei Caneca, com influência da retórica de Quintiliano sobre a “arte de se escrever bem” foi, *Breve compendio de grammatica portugueza organizado em forma systematica, com adaptação a capacidade dos alunos*. Tal obra foi redigida durante sua prisão, entre os anos de 1817 e 1821, para ensinar os presos que não sabiam ler nem escrever e duas freiras do Convento do Desterro. Nele o carmelita se ponderou de uma metodologia que realça o uso das regras gramaticais para se escrever textos com a perfeição da escrita e da clareza.

A retórica pela sua própria ação e designação de princípios obtém sentidos e imaginação para persuadir seu público, e com este ato acaba se transformando em uma ideologia, que faz a opinião de quem a lê ou a ouve. E Frei Caneca atuou com esta intenção: de convencer os leitores da veracidade de suas teses, numa forma demonstrativa ou jurídica, que acarreta as informações na essência da sua razão para, assim, aumentar o poder de persuasão sobre suas ideologias (ou opiniões).

Pode-se dizer que, no discurso do carmelita, é impossível separar a linguagem da ideologia, pois os textos envolvem valores, crenças, opiniões e um conjunto de significados retóricos. Também há um forte teor de religiosidade na íntegra dos discursos ideológicos do carmelita.

Pereira (1975) diz que é curioso Frei Caneca citar poemas de Camões, os Lusíadas, no início de todas as edições do *Typhis Pernambucano*, e diz que isto também é retórica,

pois com as citações mostram boa eloquência e intelectualidade, partindo do princípio de que a retórica é uma “arte”. “Uma nuvem, que ares escurece, Sobre nossas cabeças aparece” Camões, *Os lusíadas*, canto V (CANECA, 2001, P. 303).

Durante a Confederação do Equador, surgiu outra parte da sua produção, “*Dissertação sobre o que se deve entender por pátria do cidadão e deveres deste para com a mesma pátria*” (1822), quando preocupou-se em mostrar a possibilidade da união entre os portugueses de ambos os hemisférios, sobre os auspícios da monarquia constitucional e diz que não escreveu para homens letrados, mas sim para o povo.

Montenegro (1978) diz que este texto de Caneca pode ser considerado o melhor exemplo de sua performance com a retórica devido a sua linguagem – verossímil e clara, com demonstrações convincentes, os questionamentos sobre o verdadeiro e o moralismo. Enfim, predicativos de uma boa ação retórica.

Escreveu também *As Cartas de Pítia a Damião* (1823), publicadas no *Correio do Rio de Janeiro*, que fazem referências e críticas ao governo Imperial.

O pensamento ideológico e revolucionário de Frei Caneca pode ser bem definido nas páginas do jornal *Typhis Pernambucano*, que fez diversas críticas ao Império e orienta a população em ações de utilidade pública.

De acordo com Morel (2000), Frei Caneca, como todos os homens de letras de sua geração, independente do posicionamento político, escrevia no chamado estilo panfletário, que expressou uma das fases mais criativas e vigorosas dos debates políticos mundiais e da imprensa brasileira.

O estilo panfletário (difícil de ser redigido com qualidade e hoje em franco desuso na imprensa) alcança eficácia por várias características interligadas, como: a capacidade de convencer e de atacar, espírito mordaz e crítico, retórica literária, sátira, requerendo ao mesmo tempo densidade doutrinária e ideológica e agilidade para expressar em situações específicas e circunstanciais uma visão de mundo geral e definida. (MOREL, 2000, p. 19).

Pereira (1975) diz que Caneca era preocupado com o estilo simples e comunicativo, agia de modo que todos entendessem suas ideias e seguia, fielmente, aquilo que ensinava. Sua eloquência era simples, direta e clara, adentrava na ‘alma’ quem a ouvia ou lia, pois seus argumentos eram ligados a sentimentos e emoções como ensinou Aristóteles e Quintiliano.

Como uma de suas maneiras de persuadir Frei Caneca usava de juízo de valores e grandes exemplos históricos, com citações de filósofos iluministas, autores gregos-romanos



e até mesmo Camões. Na sexta edição, 29/01/1824, do jornal *Typhis Pernambucano*, Frei Caneca cita Montesquieu com uma forma de reforçar a sua opinião e a opinião pública. Refere-se que é necessário falar sobre o mesmo assunto diversas vezes para que o leitor entenda e firme uma opinião sobre a discussão.

Se não tivéssemos em vista a máxima lembrada e posta em prática por Montesquieu de “se não esgotar de tal maneira um assunto, que se não deixe nada a fazer aos leitores”, nós faríamos ver que o novo fim que s.m. se propõe MS proclamação de 16 de novembro (...) (CANECA, 2001, p. 343).

Os discursos de Caneca também foram influenciados pelos acontecimentos lusos – brasileiros, passando para um padrão de jornalismo imediatista, principalmente, a partir de 1822 com a liberdade de imprensa e o surgimento de novos pasquins. Dedicou-se a lutar pela liberdade social, política e econômica de seu povo. A retórica de Frei Caneca, além de pedagógica, era política, em busca de liberdade e pregava uma sociedade onde todos fossem iguais perante a lei.

Outros aspectos da retórica apresentados por Aristóteles, Cícero e Quintiliano como a ética, crença e valores, Frei Caneca também se apossou. Na grande maioria de seus discursos falava de Deus, de Nossa Senhora, valores e princípios de uma sociedade justa, o Imperador era citado como o exemplo de um homem anti-ético. Em seu texto *Oração*, o carmelita pregou sobre a presença de Nossa Senhora e de Deus nas vidas das pessoas, e fez graves acusações contra Dom Pedro I e a corte real sobre suas ações e falta de ética com o povo brasileiro.

O único livro escrito por Frei Caneca, *História de Pernambuco*, ficou inédito, pois foi destruído pelos seus familiares. Grande parte de seus escritos integra as *Obras Polypticas e Litterárias de Frei Joaquim do Amor Divino Caneca*, organizada por Antônio Joaquim de Melo, publicada em sua primeira edição no Recife, em 1875.

### **O jornalismo de Frei Caneca**

Sabe-se que a vida de Frei Caneca foi marcada pelo seu forte desempenho político, intelectual, religioso e jornalístico com influência do Iluminismo e pode-se dizer que Caneca nasceu com o espírito revolucionário.

Desde o surgimento da imprensa, grande parte dos jornalistas escreviam sobre política, colocando-se contra o governo e com Frei Caneca não foi diferente. Sua atuação como jornalista aconteceu entre os anos de 1823 e 1824, quando expôs suas opiniões e



noticiou acontecimentos em seu jornal, o *Typhis Pernambucano*.

Tifis, na mitologia grega, era um argonauta que partiu atrás do Carneiro de Ouro, em busca do imprescindível e até então inatingível.

Fernando Segismundo (1962, p.154) relata que a dissolução da Assembléia Constituinte de 12 de novembro de 1823, com a prisão e deportação de deputados, foi a chave para Frei Caneca iniciar suas publicações no jornal *Typhis Pernambucano*, periódico a quem incumbirá daí por diante difundir os ideais autonomistas e republicanos, e orientar a causa dos insurretos da Confederação do Equador.

O *Typhis Pernambucano* começou a circular em 25 de dezembro de 1823, ocupando lugar de vanguarda na luta contra o absolutismo. Nasceu sob o impacto da dissolução da Assembléia Constituinte e da prisão de Cipriano Barata<sup>3</sup> em Recife. Sendo assim, Frei Caneca realizou seu sonho de substituir o amigo de corrente política.

O pesquisador Nelson W. Sodré (1999) descreve que já em sua primeira edição, o carmelita instigava os pernambucanos a ficar alerta sobre o Império, informava da dissolução da Constituição, pregava a união em defesa da Independência e da liberdade. O jornal, na fase de extinção da liberdade do país, manteve-se na luta contra o poder Imperial, buscando seus direitos como cidadãos.

4º) A todo homem é livre manifestar os seus sentimentos e a sua opinião sobre qualquer objeto.

5º) A liberdade de imprensa, ou qualquer outro meio de publicar estes sentimentos, não pode ser proibido, suspenso nem limitado. (CANECA, 2001, p.494)<sup>4</sup>

Combateu com veracidade e autoritarismo a Constituição de 1824:

Nós queremos uma Constituição que afiance e sustente nossa Independência, a união das províncias, a integridade do Império, a liberdade política, a igualdade civil, e todos os direitos inalienáveis do homem em sociedade; o ministério quer que, à força de armas, aceitemos um fantasma ilusório e irrosorio da nossa segurança e felicidade, e mesmo indecoroso ao Brasil... (CANECA, 1979, p. 445)

As pesquisadoras Maria Gulla e Marcília Periotto (2008) descrevem que a característica marcante do *Typhis* era o teor político, declarado não apenas em opiniões, mas também em críticas pessoais, em ideias revolucionários europeus e, especialmente, na apreensão em tornar-se um instrumento para libertação e cidadania nacional, aclamando

---

<sup>3</sup>Cipriano Barata foi um dos primeiros redatores a exercer o jornalismo opinativo no Brasil, no qual Frei Caneca se espelhou, tanto como jornalista quanto revolucionário. Criador do jornal *Sentinela da Liberdade da Guarita de Pernambuco*.

<sup>4</sup>Frei Caneca publica os artigos 4 e 5 do “Comunicado: Base para a formação do Pacto Social, redigidas por uma sociedade de homens de letras”. Na vigésima quarta edição do jornal, datada em 01/07/1824.

simultaneamente a liberdade de imprensa.

No seu jornal *Frei Caneca* tratou dos acontecimentos de Pernambuco e de outras províncias em que explodiam manifestações contrárias ao Império. Usando de linguagem enérgica, destacava os erros cometidos pelo monarca e atacava a prepotência dos portugueses. Criticou, também, de forma muito severa, a escolha de Francisco Paes Barreto para o cargo de presidente da província e que convocara um conselho de cidadãos com representantes de todas as classes sociais para que fossem expostas por seu procurador as razões pelas quais se demitira do governo de Pernambuco (...) O público lia no jornal de *Frei Caneca* coisas desse teor (GULLA; PERIOTTO, 2008, p.5).

Já no primeiro exemplar do *Typhis Pernambucano*, o carmelita faz uma reflexão com tom de justiça, sobre a situação criada dentro da província pelos monarcas e publica a correspondência trazido do Rio de Janeiro, que se refere à dissolução da Assembléia. No mesmo exemplar traz um decreto do imperador extinguindo a Assembléia e convocando outra a atuar no próximo projeto que acontecera (SEGISMUNDO, 1962, p.155).

Em quase todas as edições, o frade questiona a posição do Império perante a opinião pública, que naquela ocasião era muito discutido devido a liberdade de imprensa que o imperador havia acabado de outorgar. E também, sobre o direito de informação aos cidadãos e a imprensa como utilidade pública.

Ainda na primeira edição *Frei Caneca* retrata sobre o direito do cidadão à informação:

É de direito natural e inalienável de qualquer cidadão, seja qual for a forma do governo em que se vive, o exame e o juízo dos fatos públicos, sem que sirva de égide a alguém a graduação, a classe, a hierarquia e autoridade; e este direito é tanto mais sagrado quanto a ação praticada toca os direitos primários de um povo, de uma nação; (CANECA, p. 307).

O jornalismo de *Caneca*, por excelência, é opinativo, até mesmo por influência de sua época e seus estudos. O pesquisador Ênio Morais relata que a retórica sempre foi aliada mais próxima de *Frei Caneca*, tanto no jornal quanto nos textos e discursos. A retórica se tornou um ofício a tal ponto que o condenou a morte. E até mesmo em sua defesa, o frade exagera na retórica deixando algumas marcas dos primeiros passos do jornalismo opinativo, que foi apresentado como uma das hipóteses desta dissertação.

A enormidade da acusação é tão grande que depor por si basta para aterrorizar o varão mais forte, e faria temer, se o acaso se não lembrasse que eram seus juizes varões brasileiros, cheios de retidão, e que sabem dar descontos às fraquezas da humanidade, imitando a piedade e beneficência do príncipe magnânimo, que se revestiu de tão alta autoridade. Esta ideia consoladora

anima o réu, e lhe alivia os espíritos abatidos, para alçar a trêmula voz e fazer chegar ao conhecimento deste juízo os argumentos em que funda defesa, e mostrar sua constante adesão e obediência ao supremo imperante nação brasileira (CANECA, 2001, p.628).

Retornando ao primeiro periódico publicado, Frei Caneca apresenta o *Typhis Pernambucano* retratando sua atuação perante a sociedade, confirmando, assim, que seria um jornalismo opinativo e informativo.

O teu *Typhis* te apontará as cícades, os bósforos, as sirtes; te notará os perigosos até onde se estender o horizonte da sua vista; ele subirá o mais elevado tope da tua gávea sem mudar a cor do rosto. Rompamos por entre os maiores perigos, demandemos o norte da *Independência ou Morte*; temos um seguro santelmo *no imortal Pedro I*. Com os olhos fitos nele, sustentemo-nos na borrasca, que nos luzirá a bonança, risonha; trabalhemos com sofrimento e coragem. (CANECA, 2001, p.304).

Seguindo o pensamento comunicacional do carmelita nos deparamos com suas discussões sobre a opinião pública e o direito de se expressar. No terceiro jornal Frei Caneca aponta a importância da opinião pública.

É necessário não se ter em conta alguma opinião dos homens, e ser insensível ao estímulo de boa fama, para se apresentar ao universo absurdos desta estofa, e com a impavidez dos que fizeram a s.m. assinar estes papéis (CANECA, 2001, p. 321).

Na sétima edição, em 12 de fevereiro de 1824, o carmelita questiona a falta de opinião pública de alguns jornalistas.

Como, porém, não aparecesse presidente algum nomeado por s.m. e o Colégio Eleitoral se tivesse reunido a 8 do passado janeiro, nomearam o governo atual, e oficiaram a s.m., dando-lhe conta de haverem procedido a esta nomeação pela necessidade em que se achava a província, apesar de correr o boato de estar nomeado por ele Francisco Paes Barreto, por não ser este capaz de sanar os males da província, antes mais os exacerbaria pela falta de opinião pública em que infelizmente havia incorrido; (...) (CANECA, p. 357).

Caneca questiona a liberdade de imprensa. “Que o tribunal dos jurados fosse restabelecido para a liberdade de imprensa, como foi criado em 1822” (CANECA, 2001, p. 355). E após, argumenta sobre a interferência do império sobre a opinião pública:

Conquanto parecesse ao réu que as doutrinas de seus impressos não formam objeto do conhecimento desta comissão, por já está determinado o tribunal dos jurados, como privativo dos abusos da liberdade de imprensa; contudo ignorando o réu as ordens imperiais, de que está escudada a mesma comissão, e que este reto juízo não ultrapassará os termos que lhe foram prescritos por sua majestade o imperador, não hesita de si nestes artigos, que passa a expender (CANECA, 2001, p. 629).

E complementa se expressando sobre a liberdade de imprensa e a opinião pública.

(...) Pois a opinião, os boatos e as vozes públicas são elementos dos periodistas, os quais estão autorizados a fazer até suposições e deduzir corolários: Tempora mutantur, ET nos mutamur in illis! (Mudam os tempos, e nós mudamos com ele! ( N.L)) (CANECA, 2001, p. 411).

Frei Caneca, também, descreve que o periódico tem por obrigação servir a população como utilidade pública.

(...) a apatia dos mesmos ministros para com as acusações que já de voz, já pela imprensa, se fazia dos seus crimes, violência e injustiça, quando trabalhavam um Congresso destinado a reformar abusos e dar ordem aos negócios, fazendo sair aquelas tropas que haviam servido contra Pernambuco e Bahia, e manchando as mãos celeradas no sangue brasileiro servindo no mesmo império; (...) (CANECA, 2001, p. 329)

Na décima quinta edição, Frei Caneca discute sobre a imparcialidade do seu jornalismo, um dos pontos que apresentava dentro da retórica e da Teoria do Jornalismo.

Como, porém, nos consta que algumas pessoas, ou por confundirem os ofícios de um periodista com os de um magistrado de justiça, ou talvez por uma demasiada predileção em graça de algumas pessoas, têm qualificado de muito carregada e talvez injusta a descrição que naquele mesmo número fizemos do padre Francisco Muniz Tavares; nós, em abono da nossa imparcialidade e defesa da nossa moderação, oferecemos ao público as seguintes cartas do mesmo Muniz Tavares, que foram interceptados no sul, e uma ao examo. Presidente Carvalho, a fim de que o mesmo público imparcial nos faça justiça (CANECA, 2001, p. 423).

### **Considerações finais**

Enfim, são inúmeras as vezes que o carmelita se refere à opinião pública, a liberdade de imprensa e direitos dos cidadãos. Nessas ocasiões, é possível averiguar o seu aprendizado retórico e como ele a aplicou, de uma maneira convincente, com clareza e verossímil. Frei Caneca tinha o estilo panfletário polêmico, e usava das palavras para insultar seus adversários, planejava sua retórica em tom de desafio e irônico, no qual saía como herói no final, e tudo isso pelos seus ideais políticos.

Seguindo os padrões de publicação da época, Frei Caneca não se preocupava em criar regras ou hierarquias no jornal, não existia manchete, as matérias e opiniões eram distribuídas por seções, como por exemplo, Rio de Janeiro e Pernambuco que eram fixas, com a intenção de apenas situar o leitor sobre o assunto em discussão.

O *Typhis Pernambucano* teve 28 publicações, encerrando-se em agosto de 1824, com a derrocada da Confederação do Equador, movimento republicano e federalista de contestação à ordem monárquica centralizadora, do qual Frei Caneca foi um dos expoentes. O jornal teve repercussão e era lido em todo o país, como comprovam as cartas dos leitores.

## Referências

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética 16ª Edição – Clássico de Bolso**. São Paulo: Ediouro, 1998.

CANECA, Frei Joaquim do Amor Divino. Organização e introdução: Evaldo Cabral de Mello. São Paulo: Editora 34, 2001.

CANECA, Frei Joaquim do Amor Divino. **Obras políticas e literárias de frei Joaquim do Amor Divino Caneca**. Organização de Antônio Joaquim de Melo. Recife: Assembléia Legislativa de Pernambuco, 1979.

CANECA, Frei Joaquim do Amor Divino. **Gramática Portuguesa e Tratado de Eloquência**. Rio de Janeiro: Gráficas do Colégio Pedro II, 1972.

CALMON, Pedro. Prefácio. In: CANECA, Frei Joaquim do Amor Divino. **Gramática Portuguesa e Tratado de Eloquência**. Rio de Janeiro: Gráficas do Colégio Pedro II, 1972.

CARMONA, Alfonso Ortega. Prefácio. In: QUINTILIANO, Marcus Fabio. **Institutionis Oratoriae: Sobre La formación del orador**. Salamanca: Universidade de Salamanca, 1996. Tombo I, II e III.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém de 'além mar: Travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos**. São Paulo: Summus, 2008.

FERRAZ, Socorro (Org.). **Frei Caneca: acusação e defesa**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2000.

GULLA, Maria; PERIOTO, Marcília. Frei Caneca e o jornal *Typhis Pernambucano*: a formação da consciência revolucionária no primeiro império brasileiro. In: Congresso Luso – Brasileiro de História da Educação, 07, 2008, Porto. **Anais eletrônicos**. Porto, Portugal: Universidade dp Porto, 2008. Disponível em: <[http://web.letras.up.pt/7clbheporto/trabalhos\\_final.aspx](http://web.letras.up.pt/7clbheporto/trabalhos_final.aspx)>. Acesso em: 03/08/2009.

HULKELMANN, PE. Theodoro. O sacerdote. In: PEREA, PE. Romeu (org.). **Ensaios universitários sobre Frei Joaquim do Amor Divino (Caneca)**. Recife: Editora Universitária, 1975.

JUNIOR, Enio Morais. **O pensamento comunicacional de Frei Caneca: Pistas para uma formação e atuação cidadã do jornalista**. Disponível em: <<http://www.fnpij.org.br/soac/ocs/viewpaper.php?id=61&cf=1>> . Acessado em: 08 de setembro.

JUNIOR, Enio Morais. O pensamento comunicacional de Frei Caneca: Pistas para uma formação e atuação cidadã do jornalista. In: Encontro Nacional de professores de jornalismo, 10., 2007. **Anais eletrônicos**. Goiânia: FNPJ, 2007. Disponível em: <<http://www.fnpj.org.br/soac/ocs/viewabstract.php?id=61&cf=1>>. Acesso em: 07/04/2009.

JUNIOR, Enio Morais. **Frei Caneca, um Argonauta no Jornalismo Brasileiro**. Disponível em: <[http://www2.metodista.br/unesco/hp\\_unesco\\_redeacar36completo.htm](http://www2.metodista.br/unesco/hp_unesco_redeacar36completo.htm)>. Acessado em: 03/ 07/ 2007.

LAGE, Nilson. **A linguagem jornalística**. 8.ed. São Paulo: Ática, 2006.

LUTOSA, Isabel. **O nascimento da imprensa brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

LUTOSA, Isabel. **Insultos Impressos** – A guerra dos jornalistas na Independência 1821-1823. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MARQUES DE MELO, José. **História do Pensamento Comunicacional Brasileiro – Cenários e Personagens**. São Paulo: Editora Paulus, 2003a.

MARQUES DE MELO, José. **História Social da Imprensa**: fatores socioculturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003b.

MARQUES DE MELO, José (Org.). **Imprensa Brasileira – Personagens que fizeram a história**. Vol.3. São Paulo: Editora Imprensa Oficial Sp, 2008.

MARQUES DE MELO, José. Estudos de mídia no Brasil: identidades & fronteiras. **Comunicação & Sociedade**. Revista do Programa de Pós Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, SP, n. 30, p. 10 - 50. 1998.

MARQUES DE MELO, José, GOBI, Maria Cristina, KUNSCH, Waldemar Luiz. **Matrizes Comunicacionais Latino – Americanas – Marxismo e Cristianismo**. São Bernardo do Campo. Editora Metodista, 2002.

MARQUES DE MELO, José. A teorização do jornalismo no Brasil: as origens à atualidade. In: SOUSA, Jorge Pedro. **Jornalismo: História, Teoria e Metodologia**. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2008.

MARQUES DE MELO, José. Práxis, memória e cognição no jornalismo. **Matrizes**: Revista do Programa em Pós-Graduação em Ciência da Comunicação da Universidade de São Paulo, São Paulo, ano 02, n.02, p. 117-138, 1º semestre de 2009.

MIRANDA, Maria do Carmo Tavares. O pensador. In: PEREA, PE. Romeu (org.). **Ensaio universitários sobre Frei Joaquim do Amor Divino (Caneca)**. Recife: Editora Universitária, 1975.

MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. **O Liberalismo Radical de Frei Caneca**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

MOREL, Marco. **Frei Caneca**. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1987.

MOREL, Marco. **Frei Caneca – Entre Marília e a Pátria**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: DE LUCA, Tania Regina, MARTINS, Ana Luiza (Orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro de. **Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MOREL, Marco; JUNIOR, Enio Moraes. Frei Caneca: O lendário publicista pernambucano que se faz mártir da cidadania brasileira. In: MARQUES DE MELO, José. **Imprensa Brasileira: Personagens que fizeram história**. Vol.3. São Paulo: Editora Imprensa Oficial, 2008.

MOREL, Marco. **A imprensa periódica no século XIX**. 2005. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/redememoria/periodicoxix.html>>. Acesso em: 12/11/2010.

PEREA, PE. Romeu (org.). **Ensaio universitário sobre Frei Joaquim do Amor Divino (Caneca)**. Recife: Editora Universitária, 1975.

PEREIRA, Nilo. O orador. In: PEREA, PE. Romeu (org.). **Ensaio universitário sobre Frei Joaquim do Amor Divino (Caneca)**. Recife: Editora Universitária, 1975.

QUINTILIANO, Marcus Fabio. **Institutionis Oratoriae: Sobre La formación del orador**. Salamanca: Universidade de Salamanca, 1996. Livros I, II e III.

QUINTILIANO, Marcus Fabio. **Institutionis Oratoriae: Sobre La formación del orador**. Salamanca: Universidade de Salamanca, 1996. Livros IV, V e VI.

QUINTILIANO, Marcus Fabio. **Institutionis Oratoriae: Sobre La formación del orador**. Salamanca: Universidade de Salamanca, 1996. Livros XII.

RIBEIRO, Mariana dos Santos. **Política, Retórica e Reformas na Confederação do Equador (1817 - 1824)**. 2005. 140 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2005.

RIZZINI, Carlos. **Hipólito da Costa e o Correio Braziliense**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

SEGISMUNDO, Fernando. **Imprensa Brasileira: vultos e problemas**. São Paulo: Alba, 1962.

SODRÉ, Helio. **História Universal da Eloquência**. São Paulo: José Olympio, 1948.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4.ed. (atualizada). Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

VILAR, Gilberto. **Frei Caneca 1779/1825 Gestão da Liberdade**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.